

O ENSINO DE HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Fábio Santos de Andrade. Aluno do VIII Semestre de História. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Departamento de História.

O ensino de História vem, no decorrer dos anos, passando por um processo de transformações que comprometem cada vez mais a sua qualidade. O sistema capitalista fez com que muitos professores perdessem o adjetivo de educador, indo à sala de aula apenas cumprir sua carga horária, “fingindo que ensinam enquanto o aluno finge que aprende”. Devido ao elevado número de discentes existentes nas várias turmas das diversas escolas em que lecionam, acabam não conhecendo o aluno com quem convivem. Os problemas financeiros, amontoados devido aos baixos salários, fazem com que o professor trabalhe todos os horários disponíveis; logo, elabora e aplica uma aula padrão a todos os alunos, não levando em conta as diversidades do ser humano. O professor deve considerar que os educandos são diferentes e levar em conta as suas necessidades de aprendizagem. Ademais, a sala de aula não deve ser o “palco” para a apresentação do professor, mas o local de construção do conhecimento, numa relação de ensino aprendizagem.

A disponibilidade de aprender, de fazer leitura crítica e cotidiana do “conjunto de acontecimentos reais que transcorrem diante de nossos olhos”, não é apenas um aspecto a mais, um detalhe peculiar de nossa maneira de fazer pedagogia. Aprender com nossa própria ação é uma disposição que pulsa no coração da nossa proposta metodológica. O educador, por isso mesmo, nunca será apenas um educador. Será, sempre, isto sim, um educador-educando. Alguém disposto a agir como “aluno insaciável” e como um “professor incansável” dos seus educandos. (COSTA, 1999, p.10 – grifo do autor)

No passado, os professores (educadores), de um modo geral, se dedicavam mais ao ensino. É preciso trazer de volta os educadores (hoje muito raros) que faziam da sala de aula um local prazeroso de aprendizagens múltiplas, em que seu conhecimento era apenas o complemento dos saberes de cada educando. “Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se defina por dentro, por amor.” (ALVES apud BRANDÃO, 1982, p.14).

É comum encontrarmos, nas séries do ensino médio, alunos que detestam a disciplina História, que não vêem sentido em estudá-la, que conhecem apenas a história transcrita nos livros didáticos. Essas são deficiências que deveriam ter sido sanadas desde o início do ensino fundamental e que, muitas vezes, por culpa da metodologia imposta pelo Estado ou pelo comodismo do professor, perpetuam até o ensino superior.

A escola pública que temos hoje é um modelo imposto pelo Estado, devendo atender às suas necessidades básicas. Este não está preocupado em despertar o senso crítico do aluno e sim em dar-lhe um certificado de conclusão do ensino médio. Quando o Estado pensa em escola pública, tem “como medidas centrais a redução das taxas de repetência e evasão ou a permanência no sistema escolar.” (ARROYO, 1991, p.17). Não é interessante para o mesmo que alunos de escolas públicas se tornem pensadores críticos ou que ascendam socialmente, ao contrário, é interessante que continuem na classe social em que estão e que se tornem mão-de-obra para o país.

Podemos considerar que a principal arma de alienação do Estado é o livro didático, elaborado segundo suas exigências para tornar impossível ao professor “ensinar para a participação, desalienação e liberação de classe com os mesmos livros didáticos, a mesma estrutura e a mesma relação pedagógica com que se ensinaram a ignorância e a submissão de classe.” (ARROYO, 1991, p. 20).

É preciso que o professor seja o primeiro questionador do modelo de educação imposta e que possa se sentir um verdadeiro profissional, sempre a discutir a qualidade do ensino:

Que tipo de ser humano pretendemos formar em nosso país? O homem deve ser apenas sujeito, ou também agente de sua história? O que é preciso fazer para que a sociedade brasileira tenha vontade política (à vontade que leva a ação)? (COSTA, 1999, p. 6).

A educação é uma arma de imenso poder na formação de seres críticos, mas deve ser usada de forma correta. Primeiro é necessário acreditar na capacidade dos alunos, pois “quem não apostar que existem nas crianças e nos jovens com quem trabalhamos qualidades que, muitas vezes, não se fazem evidentes nos seus atos, não se presta, verdadeiramente, ao trabalho educativo.” (COSTA, 1999, p.20).

É preciso também, que o professor desperte nos alunos o interesse pela pesquisa, para que estes descubram o mundo além dos livros didáticos; porém, é preciso pensar na forma que viabilize o desenvolvimento de tal pesquisa, para que esta não se constitua mais uma estressante aula “repetitiva e decorativa”. Para isso, é preciso que tenhamos “como condição primeira que o profissional da educação seja um pesquisador” (DEMO, 1997, p.4), o professor precisa “promover o processo de pesquisa no aluno, que deixa de ser objeto de ensino, para tornar-se parceiro de trabalho” (Op. cit.). É preciso que professores e alunos formem um conjunto, em que ambos possam construir uma visão crítica da história.

Vemos que o sistema educacional brasileiro encontra-se defasado em decorrência de algumas crises enfrentadas pelo ensino, tais como o despreparo do professor frente às mudanças sofridas pela educação, a sua má remuneração que acarreta em acúmulo de carga horária e, tantas

vezes, em desânimo e cansaço, além da falta de recursos didáticos disponíveis para a realização do seu trabalho.

Muitas vezes, o ensino de História se dá de forma passiva e decorativa; o aluno recebe os “ensinamentos” de uma história positivista, composta pela ideologia de um governo, como uma receita para sua “ascensão” no futuro. Também não se valorizam os conhecimentos do aluno, considerando-o ser desprovido deste, que vai à escola para adquiri-lo. Com relação à avaliação, sabe-se que esta, ainda, por vezes, é feita de maneira inadequada, supervalorizando-se os conhecimentos de uma história factual imposta e não avaliando de forma qualitativa os dos alunos.

Ao se fazerem críticas à ênfase dada à avaliação, bem como à prova, enquanto um tipo de avaliação dissociada do processo, não se está em hipótese alguma, fazendo crítica à necessidade da primeira, pois sem ela nem alunos nem professores teriam suas dificuldades captadas. Fazem-se críticas à prova como único meio de avaliação, visto que há várias outras possibilidades de se avaliar o aluno no processo, tais como trabalhos em grupo, dramatizações, avaliações lúdicas, apresentações orais nas quais ele possa demonstrar seu aprendizado, seu interesse e sua participação.

Voltando-se para o conteúdo, faz-se necessário que a avaliação não tenha cunho decorativo. Deve ser reflexiva e proporcionar ao aluno a possibilidade de desenvolver o espírito crítico, além do que deve ser valorizado o que foi enfatizado pelo professor no dia a dia da sala de aula, e no mesmo nível de complexidade em que foi trabalhado.

Outro ponto difícil para os professores na avaliação diz respeito aos aspectos qualitativos, pois alguns deles se deixam influenciar sobremaneira por esses fatores ao avaliarem os alunos quantitativamente. Se o educando é disciplinado, interessado, ou seja, “bonzinho”, o professor tende a “passar a mão em sua cabeça”, atribuindo-lhe pontos, sem avaliar o desempenho do mesmo; outros, ainda, “punem” os alunos por seu “mau comportamento”.

Ser educador em nosso país é sempre um desafio. São tantos os obstáculos a serem superados para que se possa mudar a realidade da sala de aula que o professor precisa “sempre se renovar, partir em busca de novos caminhos, novas maneiras de resgatar sua auto-estima e a dos alunos, desenvolvendo o prazer de aprender.” (PIAGGIO apud MILET, 1999, p. 5)

O Professor precisa abraçar a proposta de aprender e ensinar de forma criativa, quebrando o tradicionalismo da sala de aula, pois, desta maneira, será possível romper as dificuldades encontradas pelos alunos em relação à aplicação dos conhecimentos em História a partir da conscientização de que a aprendizagem dessa disciplina pode ser prazerosa se aplicada de forma diferente. Sabemos que a escola atualmente, supervaloriza um ensino fragmentado com índice de rendimento baixíssimo, objetivando diminuir a repetência, a evasão e o analfabetismo. Em decorrência disso, são gerados muitos alunos apáticos com relação à leitura e à pesquisa, com uma

carga de conhecimento teórico reduzida. Com isso, surge a pergunta: Qual é a essência de uma escola de qualidade? A escola deve ser encarada “como um espaço de produção e disseminação da cultura, de conhecimentos e principalmente de luta contra a desigualdade” (MILET, 1999, p. 17)

É preciso buscar metodologias que permitam que a disciplina História adquira uma importância significativa na vida do aluno e do professor, fazendo com que descubram juntos os prazeres da história, através de debates, pesquisas, dinâmicas de aulas, entre outras coisas, assim como por meio do intercâmbio com outras disciplinas. Temos como uma das possibilidades a dinamização do ensino de História, na perspectiva de que o professor e o aluno rompam com as limitações da sala de aula, envolvendo diversas linguagens interdisciplinares e transversais em projetos educacionais.

Uma nova proposta sugerida a todos os professores e principalmente aos de História é a utilização de projetos *arte-educativos* na aplicação de seus conteúdos. A arte engloba o desejo, o saber e a criatividade fundamentais num processo de ensino-aprendizagem. Levar o aluno para além da sala de aula, utilizando seus costumes, trazendo sua comunidade para dentro de um projeto em que o conteúdo histórico esteja inserido, pode ser um bom começo.

A arte vinculada ao ensino de História possibilitará, não só ao professor de História como de várias disciplinas, a prática de uma metodologia diferenciada. História, Português, Geografia, Meio ambiente, Ciências, como várias outras disciplinas, podem desenvolver trabalhos em conjunto, propiciando ao aluno e ao professor um contato com o novo. “Educar através da arte não é difícil, é diferente. Fazer o que todos fazem é muito simples, mas quando encaramos o desafio de fazer outro caminho, temos que acreditar realmente na proposta.” (PIAGGIO apud MILET, 1999, p. 5).

Levar ao aluno um conhecimento que se some aos que já possui e permitir que expresse de maneira criativa a assimilação dos conteúdos, vai ajudá-lo a compreender a escola como parte de sua vida e não como algo que lhe é imposto.

Quanto à avaliação escolar, tão necessária e criticada, quando inserida neste contexto *arte-educativo*, deverá ser encarada e trabalhada como processo contínuo, para que possa cumprir sua função de auxiliadora ao processo de ensino/ aprendizagem. Assim, o professor não avaliará apenas o aluno, atribuindo-lhe o seu sucesso ou fracasso, mas também o seu próprio trabalho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARROYO, M. G. (Org). **Da escola carente à escola possível.** São Paulo: Loyola, 1991.

BITTENCOURT, C. **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 1997.

COSTA, A. C. G. da. **Aventura pedagógica.** Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1999.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa.** São Paulo: Autores Associados, 1997.

MILET, M. E. (Sup.). **Brincadeira com assunto dentro.** Salvador: MIAC, 1999.